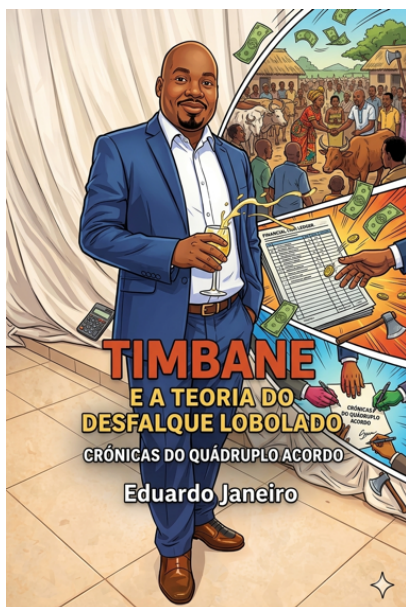




Site do autor: livrosqueardem.com

Da pobreza ambiciosa e do homem que queria parecer patrocinado pelo destino

Se José de Faria Timbane tivesse nascido rico, esta história morreria no berço por absoluta falta de assunto. Rico verdadeiro não precisa inventar grandeza; basta-lhe respirar perto de gente pobre e imediatamente adquire reputação filosófica.

Mas Timbane nascera funcionário bancário.

Que é uma forma elegante de dizer: homem condenado a contar dinheiro alheio enquanto o próprio salário lhe pede desculpas ao fim do mês.

Morava em Maputo, cidade onde quase sempre o prestígio social se mede menos pelo caráter do homem e algumas, muitas vezes, mais pelo volume do lobolo. Em certos bairros, um cabrito bem apresentado vale mais que diploma universitário; e uma pirâmide de caixas de óleo pode elevar um sujeito à categoria de patrimônio cultural.

Ora, Timbane compreendera cedo uma verdade nacional:

A grandeza não se herda — empilha-se.

Desde então passou a viver não para enriquecer, mas para parecer perigosamente próximo da riqueza.

Seu amigo Simões Nhabe, homem que desconfiava até da própria sombra quando ela parecia elegante demais, advertia-o:

— Ó Timbane , teu salário já anda a pedir oxigênio.

— O problema do meu salário, respondia ele, é ter nascido tímido.

Trabalhava no banco com zelo litúrgico. Observava clientes ricos como o naturalista observa aves raras.

Concluiu, após longa investigação sociológica, que os ricos não eram mais inteligentes do que ele.

Tinham apenas saldo.

E esta descoberta foi a pior coisa que lhe aconteceu.

Porque homem pobre resignado ainda pode salvar-se; o perigoso é o pobre que se sente injustiçado economicamente pelo universo.

Numa tarde abafada, regressando num chapa tão cheio que a dignidade dos passageiros viajava pendurada do lado de fora, ouviu duas senhoras comentarem um lobolo recente.

— Mana, aquilo parecia tomada de posse ministerial.

— Até as capulanas tinham ar-condicionado!

Timbane desceu do chapa já transformado.

Não queria mais casar.

Queria organizar espetáculo.

Do primeiro lobolo e da filosofia do saque emocional

A escolhida chamava-se Inácia Nhantumbo.

Não era exatamente paixão. Era oportunidade cerimonial com potencial de aplauso comunitário.

A família dela tinha muitos tios, várias tias e um avô cuja simples tosse parecia reprovar candidatos ao matrimônio desde 1974.

Quando Timbane apareceu para tratar do lobolo, entrou com a solenidade de quem traz orçamento de Estado.

— Vim honrar a tradição — anunciou.

O tio Silvestre perguntou:

— E trabalha em quê?

— Sou bancário.

A família endireitou-se imediatamente. Em Moçambique, “bancário” é profissão que ainda produz respeito automático, mesmo quando o bancário anda a almoçar esperança com chá nas bagageiras dos carros.

O problema começou depois.

Pois o orçamento do lobolo tinha ambições presidenciais e salário municipal.

Foi então que Timbane teve sua primeira ideia criminosa — embora ele preferisse chamar-lhe “realocação emergencial de fundos culturais”.

Esperou o banco esvaziar.

Abriu o cofre.

Olhou as notas com ternura patriótica.

E murmurou:

— O banco empresta à vida. Eu apenas facilito o encontro.

Não havia culpa. Apenas criatividade financeira.

O lobolo aconteceu com brilho suficiente para emocionar até parentes normalmente especializados em inveja.

Havia açúcar empilhado, arroz importado, óleo em formação militar e envelopes tão gordos que pareciam carregar segredos diplomáticos.

Uma tia comentou:

— Este homem não é genro... é investimento estrangeiro.

Simões aproximou-se do amigo e cochichou:

— O banco sabe que patrocinou isto?

— Grandes projetos sempre têm financiadores invisíveis.

E naquele instante Timbane descobriu o pior vício social:

o aplauso.

Das sogras, da geometria conjugal e da expansão irresponsável

O primeiro sucesso estragou-lhe o juízo.

Passou a acreditar que a vida lhe exigia grandeza contínua.

Arranjou Maricota Matingana, mulher que sorria como quem cobra juros emocionais.

Depois apareceu Eponina Chivale, intelectual que criticava o capitalismo apenas em restaurantes caros.

Timbane apaixonava-se menos por mulheres e mais pela ideia de multiplicar prestígio familiar.

Criou então sua própria filosofia:

“O valor de um homem mede-se em sogras impressionadas por metro quadrado.”

Os saques aumentaram.

As cerimônias também.

Cada lobolo parecia inauguração de ponte financiada pelo delírio.

Simões advertia:

— Tu não estás casando. Estás a montar uma réplica de Eswatini.

Mas Timbane já não ouvia a prudência. O ego tem esta surdez seletiva.

Então surgiu Zuleide.

E foi o fim.

Conheceu-a no Mercado Janete, entre mangas e capulanas, quando ela quase escorregou na lama.

Timbane segurou-lhe a caixa.

Ela perguntou:

— Trabalha em quê?

Ele respondeu:

— Gestão de valores.

Tecnicamente era verdade.

Moralmente era acrobacia.

Zuleide possuía aquele tipo de beleza que não pede atenção — cobra-a.

E Timbane concluiu imediatamente:

três mulheres eram número imperfeito.

Quatro produziria simetria histórica.

Há homens destruídos pelo amor.

Ele seria destruído pela geometria.

Do tribunal das capulanas indignadas

Toda tragédia começa pequena.

A de Timbane começou com um recibo mal escondido.

Dona Inácia encontrou o documento do quarto lobolo dentro de um livro de contas domésticas.

Leu.

Empalideceu.

E pronunciou a frase que inaugura catástrofes matrimoniais:

— José... quem é Zuleide?

Em menos de dois dias reuniu-se o mais temido organismo diplomático da África Austral:

quatro sogras ofendidas.

Sentaram-se em fila no quintal como tribunal internacional das humilhações afetivas.

Timbane chegou já condenado pela atmosfera.

Maricota abriu os trabalhos:

— Então agora distribuis mulheres como talões de depósito?

Eponina acrescentou:

— Poligamia ainda se tolera. O problema é falta de ata.

Dona Mafumo, mãe de Zuleide, declarou:

— Minha filha não é extensão de organograma.

Timbane tentou defender-se.

Erro clássico.

— Não foi traição... foi expansão social.

As quatro olharam-no como professoras diante de aluno que plagia a própria estupidez.

Então começou a guerra verdadeira.

Uma reclamava do cabrito.

Outra do tecido.

Outra do arroz Thai prometido.

Nenhuma exigia amor.

Todas exigiam hierarquia.

Foi aí que Timbane percebeu que administrar quatro famílias exige mais competência que governar certos países.

E ele mal conseguia governar o próprio salário.

Do banco, do rombo e do homem que tentou filosofar diante da auditoria

O destino resolveu finalmente cobrar.

O sistema do banco detectou diferença nos cofres.

Primeiro pequena.

Depois alarmante.

Por fim, suficientemente grande para ganhar personalidade jurídica.

Entrou então a Comissão de Averiguação Financeira — três homens sem humor e com cheiro de relatório.

O Presidente perguntou:

— Senhor Timbane ... como explica estas movimentações?

Ele respondeu:

— Dinheiro também migra em busca de felicidade.

Ninguém riu.

Péssimo sinal.

A investigação revelou-se rápida, a punição ainda mais.

Das algemas e do epitáfio de um homem excessivamente ambicioso

A polícia chegou ao entardecer.

Sem violência.

Grandes humilhações dispensam espetáculo físico.

As sogras observavam alinhadas como conselho espiritual da decepção.

Uma comentou:

— Nem no lobolo teve tanta gente presente.

Outra respondeu:

— Festa grande só na despedida.

As algemas fecharam-se discretamente.

Timbane caminhou até à viatura sentindo-se menos criminoso que metáfora.

Na rua, alguém gritou:

— Quem come emprestado, arrota algemas!

Outro completou:

— O problema não é cair. É cair pensando que era estrela!

Entrou no carro sem resistência.

Já compreendera tudo.

Não fora destruído pelo amor.

Nem pelo banco.

Nem pelas mulheres.

Fora destruído pela necessidade desesperada de parecer maior do que era.

E enquanto a viatura desaparecia pela avenida, nasceu finalmente sua única grande verdade:

Quem vive para impressionar os outros acaba devendo a si mesmo.

EPÍLOGO — Pequena moralidade inútil

Timbane não era o pior dos homens.

Era apenas um homem comum com ambições teatrais e orçamento trágico.

Sua ruína não nasceu da maldade.

Nasceu do deslumbre.

E talvez seja este o problema moderno de quase todos nós:

queremos biografias monumentais com salários modestos.

O leitor, naturalmente, dirá que jamais faria semelhante loucura.

Eu também diria.

Mas basta aparecer um aplauso bem iluminado, um elogio público ou uma sogra impressionável... e até a virtude começa a pedir empréstimos.

FIM